

### As mulheres e seu imaginário em relação às praças e parques

Como, da década de 70 para cá, as mulheres saem em massa para as ruas, invadindo o mercado de trabalho e o mercado consumidor, com certeza passaram a ter muito o que falar e propor para a reorganização desse espaço. E levam consigo, para o espaço público, todo o lado privado e intimista, que ainda é muito importante em sua vida. Mas o fato é que, na maioria dos casos, ainda prevalece o comportamento tradicional: como as responsabilidades do âmbito doméstico não foram partilhadas, elas vão interferir substancialmente em sua mobilidade e no uso diferenciado do espaço urbano, e com isso se mantém o quadro anterior.

Para avaliar, de um outro ângulo, a noção que esse grupo de jovens mulheres tem da diferenciação que seu próprio uso do espaço urbano apresenta em relação a outros usos, especialmente o uso dado por homens, e conhecermos um pouco de seu imaginário, solicitamos que elas desenhassem uma praça e um parque.

Apresentamos a seguir os desenhos de 48 das entrevistadas: estas foram as que se sentiram em condições de se expressar pelo desenho. Depois damos destaque a um grupo de 21 jovens. E isso mereceu uma análise mais profunda, justamente porque foi o grupo de mulheres com que ficamos mais tempo refletindo sobre a cidade e a cidadania: oito meses.

*O que pensam 21 jovens mulheres – entre 14 e 23 anos – sobre a cidade de São Paulo (destaque para a questão 7 do questionário)*

Percebemos que as opiniões foram pouco significativas: das 21, apenas seis responderam a esta questão. O questionário foi considerado muito longo e cansativo, elas argumentaram isto, ou melhor, disseram que esperavam mais. Uma das jovens apenas reclamou que a cidade é muito suja, principalmente as ruas, foi a Fabiana Kelly, de 16 anos. Outra delas, Ana Regina, também de 16 anos, salientou que gosta de todas as opções de lazer e cultura que a cidade oferece, mas se incomoda porque, ao lado disso, observa a discriminação e a violência sofrida pelos os excluídos da sociedade. Outras, Érica e Cláudia, as duas com 17 anos, salientam a importância das atividades de lazer, o shopping, mas reclamam da discriminação no trabalho, enfim, elas não foram claras se existe lazer ou se falta. Daniela, de 17 anos, reclamou da violência, mas destacou coisas boas, porque é bom ser mulher, mas não relacionou isso com a cidade. Já Renata que foi uma das que acharam estafante o questionário, quando disse: “Tudo já foi levantado no questionário e não tenho dúvidas”. Já Kelly afirmou que “a coisa é ruim porque mulher não tem direitos, e boa porque ser mulher também tem seus privilégios”. Esta afirmação poderia se aplicar a qualquer cidade em que ela morasse. Podemos ver que algumas não entenderam a pergunta.

*O que propõem*

*A percepção das mulheres por meio do desenho – Praças e parques*

“Arte não tem sexo”, é o que muitos dizem, de modo redutor, mas pretendendo evitar o que seria um olhar divisionista. Eles pensam assim enunciar um princípio superior, ao dizer que a arte ultrapassa o criador ou criadora. Mas nega-se aí a diferença, como se a visibilidade da diferença incomodasse, ou fosse uma vergonha assumi-la.

O feminismo vem esclarecer que não se defende ser igual aos homens, mas ter direitos iguais. É fundamental assumir como um valor a divisa francesa: “*Vive la différence!*” Ter a mesma capacidade para desenvolver certas atividades anteriormente negadas às mulheres, como votar, fazer tarefas e trabalhos que eram proibidos, não significa que não tenhamos nosso jeito e nossa especificidade, nas expressões e nas percepções.

*Um certo olhar de mulher... O feminino e a memória... Feminina desmemória*

Lidamos com tangenciamentos da memória e do feminino. Memória é construção, invenção, expressão de desejos, é ser capaz de entrar no jogo do passado e do futuro, ter a exata noção do trajeto, embora buscando o resgate do original, do vivido, e terminando por caminhar também na direção futura de uma produção, de uma criação. Tal qual numa pesquisa arqueológica, em geral, o analisando depara apenas com restos de memória, fragmentos, partes de um todo que se perdeu. Há perdas irreparáveis na reconstrução da memória. Lacan afirma que não há realidade pré-discursiva. Dessa forma, não fica difícil concluir, seguindo seu raciocínio, que o real se constitui no impossível, no intangível, no incapturável, que o real, embora funcione na base do simbólico, é também uma construção do simbólico, que o real se permite vislumbrar.

Sim, porque, se não é tangível e capturável, o real é demonstrável, uma vez que sempre atravessa o discurso e as construções do sujeito, efetuando alguma “trapaças” na linguagem: estão aí os lapsos, os “atos falhos” (as falhas que, “sem querer”, dizem o contrário do que pretendiam), as angústias e os delírios, para nos revelar, ainda que indiretamente, a existência do real. Entretanto o real permanece inominável, inabordável, intangível.

## A percepção e o imaginário das mulheres por meio dos desenhos – praças e parques

Um trabalho rico e muito interessante, embora árduo, foi entrar em contato com o imaginário de 48 mulheres, que se dispuseram a desenhar um parque e uma praça. Apresentamos uma análise – ainda tímida e introdutória – desse material riquíssimo, que será utilizado para a ilustração desta tese, dela fazendo parte, juntamente com a documentação iconográfica das atividades desenvolvidas neste processo.

Todo o processo da pesquisa foi estreitamente desenvolvido junto com as mulheres organizadas em suas entidades específicas, ou com as transeuntes, sendo a UMSP uma dessas entidades, que funciona como ponto de referência e ligação com todo o movimento feminista.

### *Análise dos desenhos:*

#### *O imaginário das mulheres jovens sobre a praça*



#### **Joselma, 15 anos, estudante, solteira**

Sobre a praça desenhou uma árvore com a expressão caricatural de uma mulher bastante astuta, apenas este elemento. Não o localiza no contexto da praça, é apenas uma árvore cuja copa é um ser humano. Não desenhou o parque.



Thelma, 18 anos, mãe, estudante da 7ª série do Ensino Fundamental, moradora da Zona Leste e desempregada (datado de 1997).

O desenho da Thelma é forte, ela estabelece uma organização no espaço dividindo-o por um caminho, que, na verdade, delinea um percurso, uma passagem, que atravessa a praça. Ao lado desse caminho, ela implanta árvores, em número de quatro, um balanço, um escorregador e um banco. Como conforto, um banheiro em planta e um banco.

Coloca duas pessoas, sem movimento e próximas aos equipamentos, uma delas, perto de uma árvore. As pessoas não estão se comunicando, estão longe e não têm expressão. Contextualiza as nuvens e o sol, com fisionomia de gente, entre elas, ao fundo, com uma expressão triste.

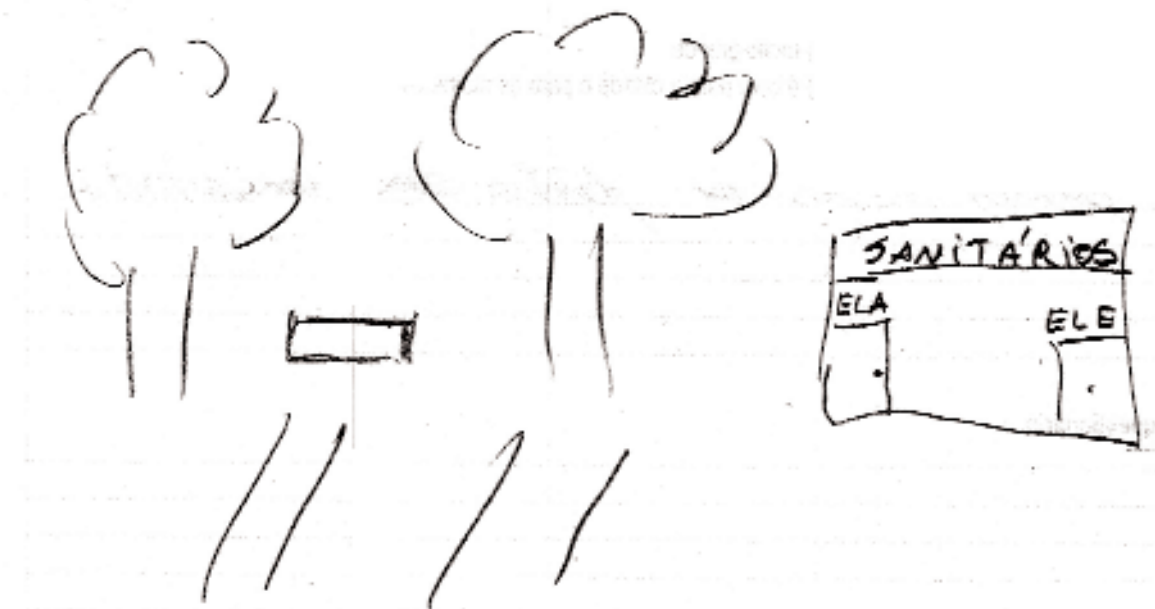
Mantém o sol entre as nuvens, mas com uma expressão de sorriso calmo, muitas árvores, uma pessoa e, em planta um fraldário, o que remete novamente à maternidade, um gira-gira, em planta, um banco, uma pessoa perto do fraldário, este equipamento em destaque e centralizado, assim como o gira-gira. Apreendo a absorção sobre o fraldário como resultado da pesquisa.

O fato de o acesso ser longe lembrou o Parque do Carmo.

Retornando ao questionário, na pergunta sobre a frequência a parques, ela diz que frequenta o Playcenter uma vez por ano, sempre de manhã.

Quanto à pergunta sobre os equipamentos que faltam nos parques e praças, responde que são bancos, quiosques, banheiros, churrasqueiras, lanchonete, atividades de esporte, fraldários e posto médico.

Conheço a Thelma desde criança. Ela hoje tem uma filhinha de 1 ano. Por isso acredito que colocou os brinquedos na praça. Costuma ir à praça que fica perto de casa, à noite e a semana toda. Mora num conjunto habitacional na Cohab II. É uma garota bastante carente, tanto econômica quanto afetivamente, filha de mãe carente, criada em orfanato, batalhadora e militante dos movimentos negro e feminista. Parou de estudar na 7ª série. Hoje ela constrói sua casa num mutirão aos domingos.



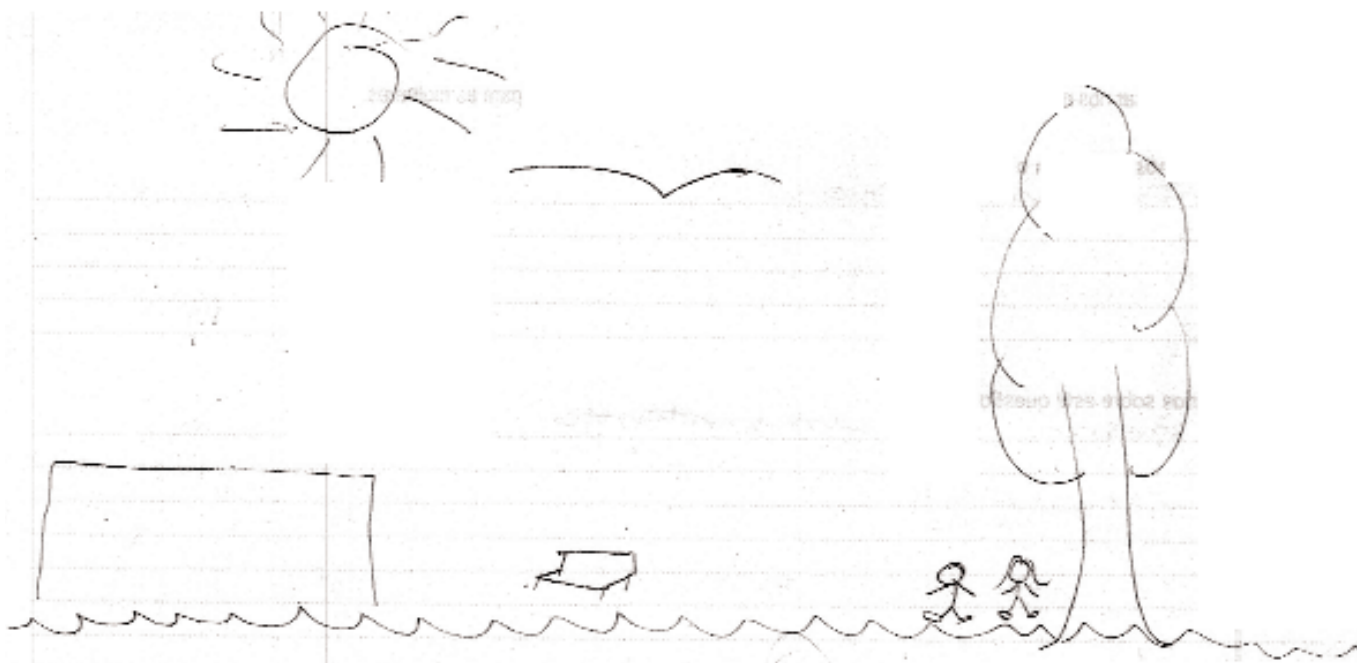
Ana Regina, 16 anos, estagiária e estudante, do Bom Retiro

Sua praça tem duas árvores com um retângulo entre elas, e dois caminhos paralelos e inclinados evidenciando um percurso do lado esquerdo, a fachada de uma edificação com uma grande placa em cima contendo a inscrição “Sanitários”, e duas portas nas laterais esquerda e direita, com placas dizendo “Ela” e “Ele”. Não se envolveu com a pesquisa, e estava interessada em conversar sobre outras questões. Não desenhou o parque. É uma garota bastante inteligente, crítica, dada às letras, escreve poesias, pensa em fazer cinema e vídeo, milita no movimento secundarista e é feminista.

Fabiana Kelly, 16 anos, estagiária, do Bom Retiro

Sua praça delimita um espaço retangular em que no centro estão dispostas três árvores de porte médio e duas pequenas. É um misto de planta e corte, em torno de cada um dos quatro cantos há uma árvore, ou seja, há quatro árvores. No meio delas está escrito "banco", do lado esquerdo, ao fundo, há um Banco 24 horas. Em cada canto, um latão de lixo com tampa. Nenhum ser humano, homem ou mulher, nem bichos. Demonstra a organização espacial do que seria um conjunto de elementos presentes numa praça: árvores, bancos, serviços. Um estar com um centro, que seria o conjunto de árvores. O parque é um espaço dividido em estar, do lado esquerdo, com árvores, bancos, a organização espacial dos bancos sendo adequada a um local de encontro. Dali sai um caminho que leva à entrada do lado direito, com três quiosques, que formam um aconchego centralizado, unificado por um banco, também próximo à entrada. Da entrada sai uma ciclovia que circunda o parque e dobra à esquerda, passando por uma lanchonete. Do lado direito do parque, na entrada, um latão de lixo. Mais à frente, um espaço para exposições de artes plásticas, duas quadras poliesportivas e, no fundo, umas fileiras de árvores funcionando como cercamento. O espaço não aberto é dotado de portões, e é cercado na frente. Não desenhou usuários ou usuárias.

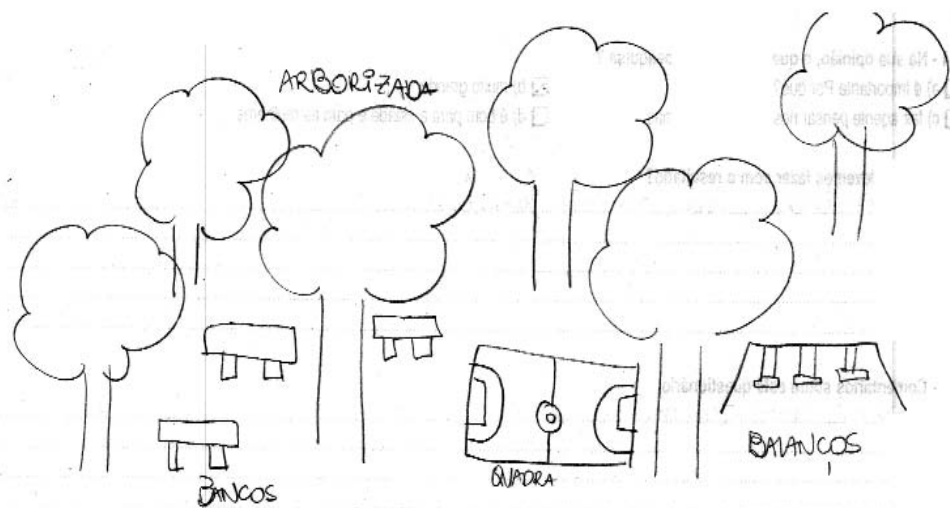




**Kelly, 16 anos, estudante, negra, trabalha em creche da comunidade, moradora na Zona Leste**

Seu desenho tem uma estrutura da paisagem, com os elementos na vertical, apresentando unidade. O sol do lado esquerdo está brilhando. Do lado esquerdo, abaixo, uma nuvem. Apoiado no chão, um volume que pode ser um edifício, mas também uma trave. Mais para a direita, há um banco, duas pessoas embaixo da árvore, um menino e uma menina, menores do que os equipamentos. Sua árvore é alta, alcançando a nuvem, e está do lado direito, lembra um pinheiro, é um estrato da praça.

Do parque, desenha um chafariz, um escorregador, um policial com uma viatura, um coqueiro com uma roseira, embaixo, de seu lado direito. É um pedaço do parque, uma paisagem, em sentido horizontal.

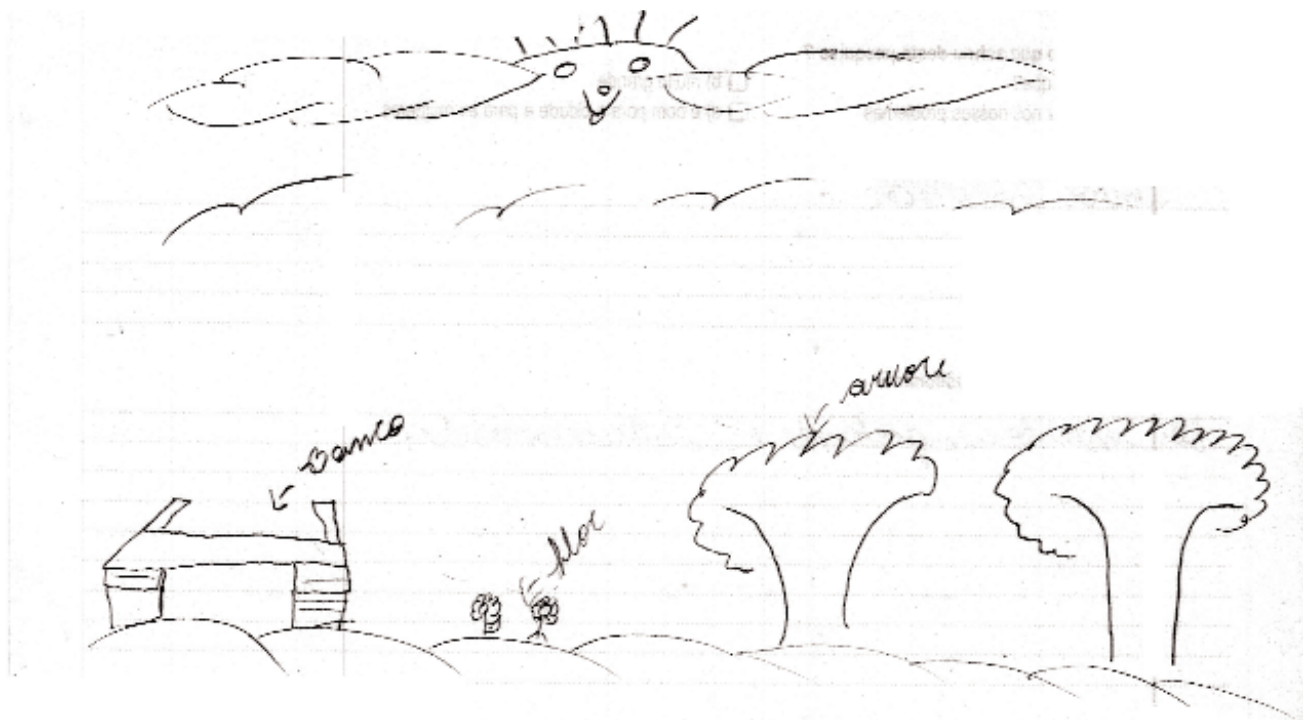


Érika, 17 anos, nunca trabalhou, estudante, solteira

Seu desenho mostra uma paisagem vertical, com árvores que são distribuídas alternadamente pelo espaço, dando a impressão de que são para fazer sombra sobre os bancos, uma quadra poliesportiva e balanços. Coloca palavras escritas – “arborizada”, “bancos”, “quadra” e “balanços” –, achando, talvez, que não entenderíamos seus desenhos, de traços firmes e fortes. Fiz uma leitura da esquerda para a direita, senti uma harmonia. Ela também não coloca usuários e usuárias, nem delimita o espaço, mas dá uma noção de conjunto.

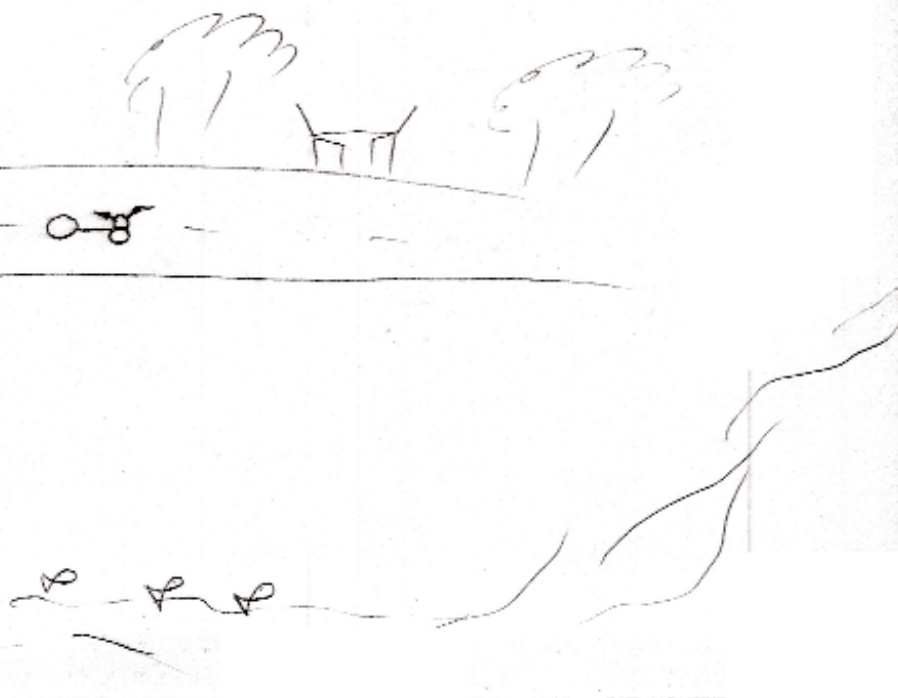
No parque, coloca serviços, não delimita, mas entende o parque como um espaço que deva ter posto médico, posto policial, berçário, área de lazer para shows, com arquibancada, playground com balanços e escorregadores, espaço para caminhadas, ciclovias, quadras poliesportivas. Inclui elementos da natureza, como algumas árvores, mas menos que na praça, e um lago. Usuários e usuárias estão ausentes. Também usa a escrita para identificar seus desenhos, menos os de árvores.

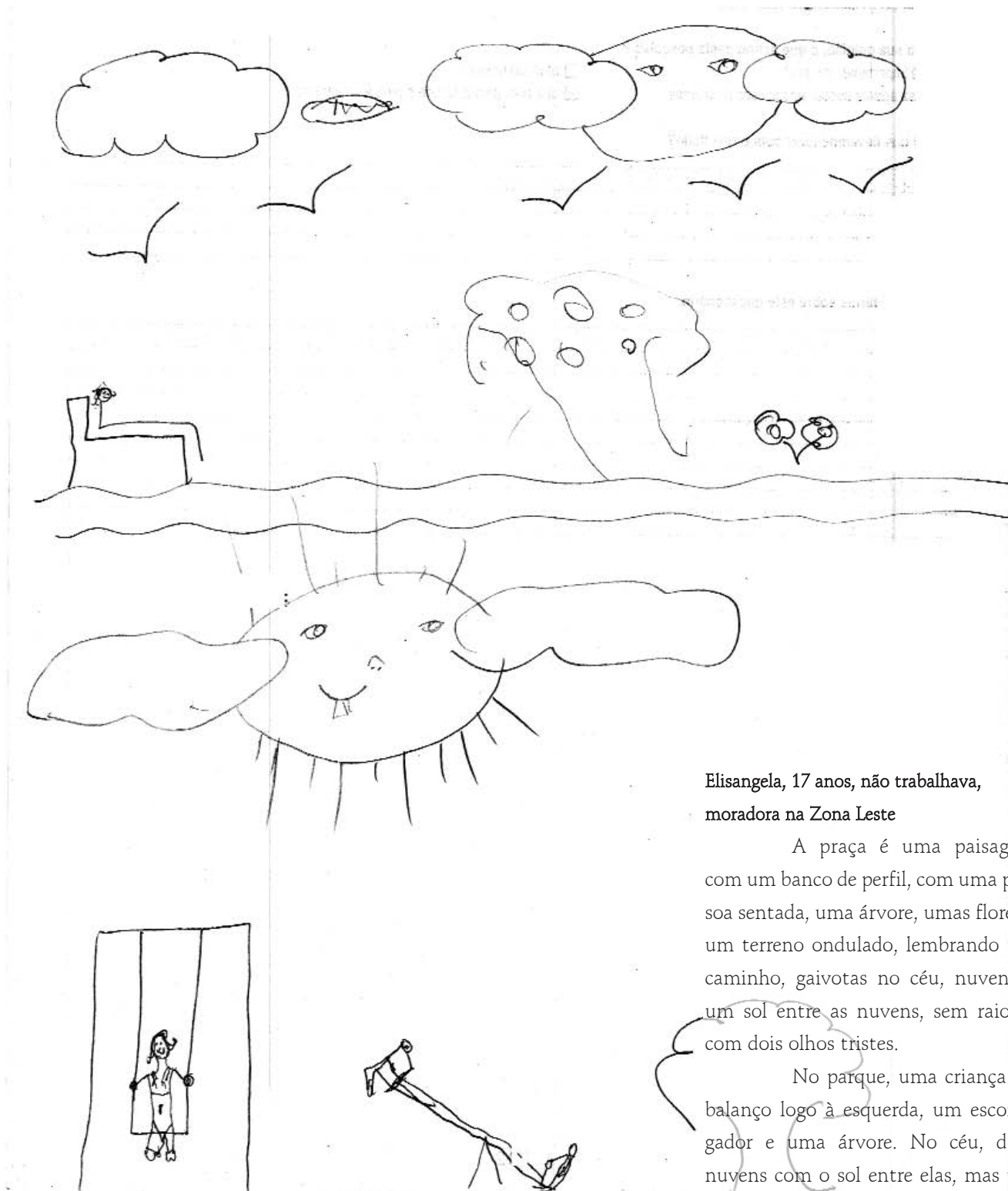




Daniela, 17 anos, estudante, moradora de Campo-Limpô

Sua praça contém um banco, flores, árvores, desenhadas no sentido horizontal, com o terreno ondulado. Seu conjunto compõe-se de uma paisagem com nùvens no céu, e um sol por trás delas com raios aparentes como se fossem cabelos e tendo fisionomia humana. Identifica com a escrita seus desenhos. Já no parque não os nomeia, coloca uma mulher em escala pequena, árvores, um portão, um caminho com bichos, penso eu, uma cachoeira e um rio com peixes.

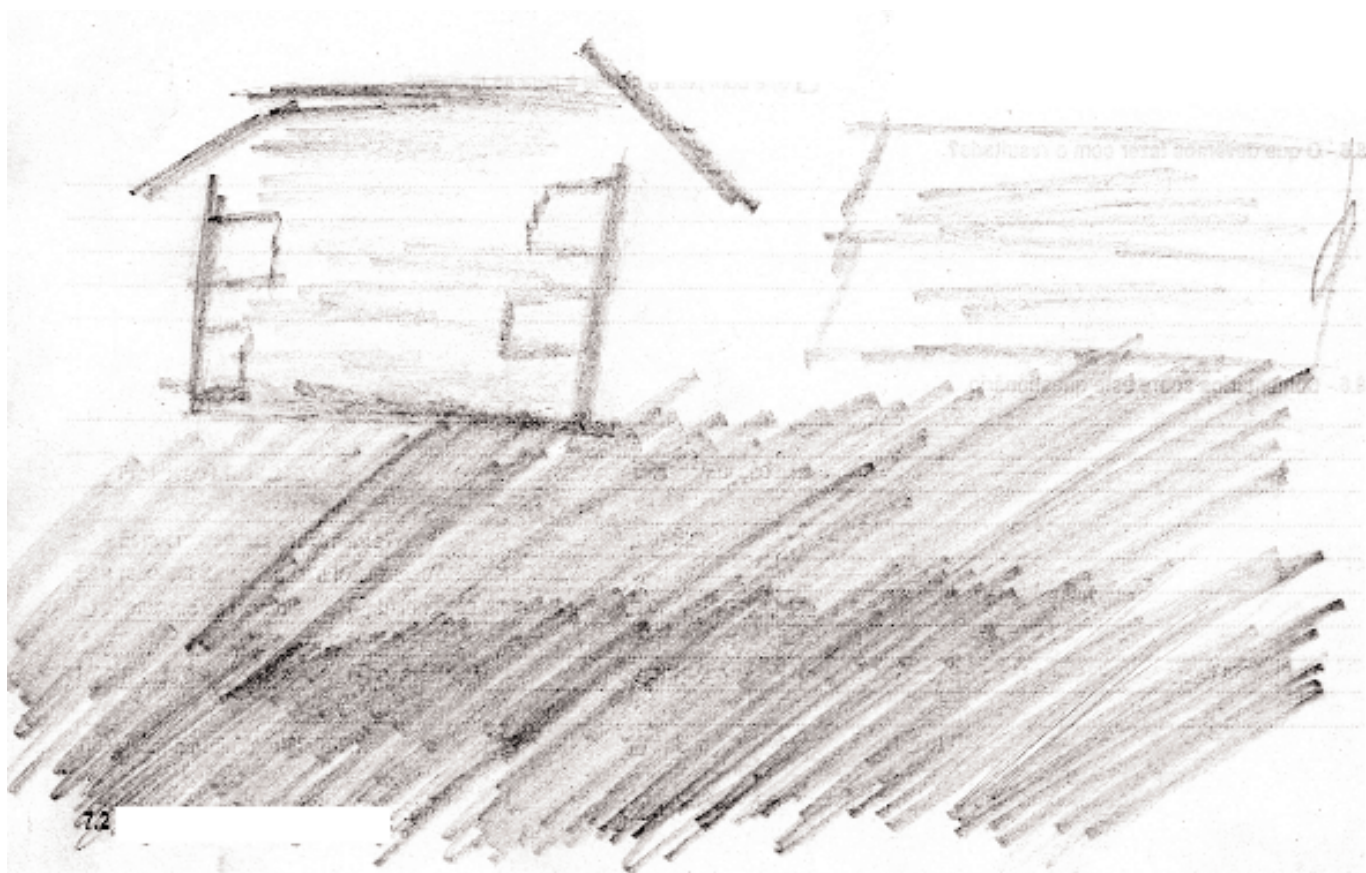




Elisângela, 17 anos, não trabalhava,  
moradora na Zona Leste

A praça é uma paisagem com um banco de perfil, com uma pessoa sentada, uma árvore, umas flores e um terreno ondulado, lembrando um caminho, gaivotas no céu, nuvens e um sol entre as nuvens, sem raios e com dois olhos tristes.

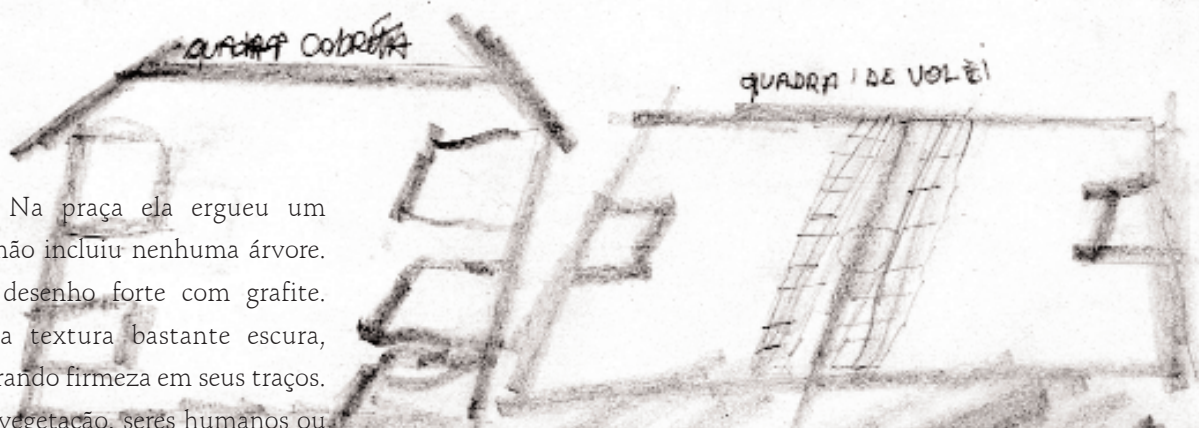
No parque, uma criança no balanço logo à esquerda, um escorregador e uma árvore. No céu, duas nuvens com o sol entre elas, mas um sol com muitos raios, bem maior e tendo uma fisionomia de criança marota.

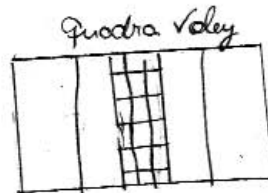
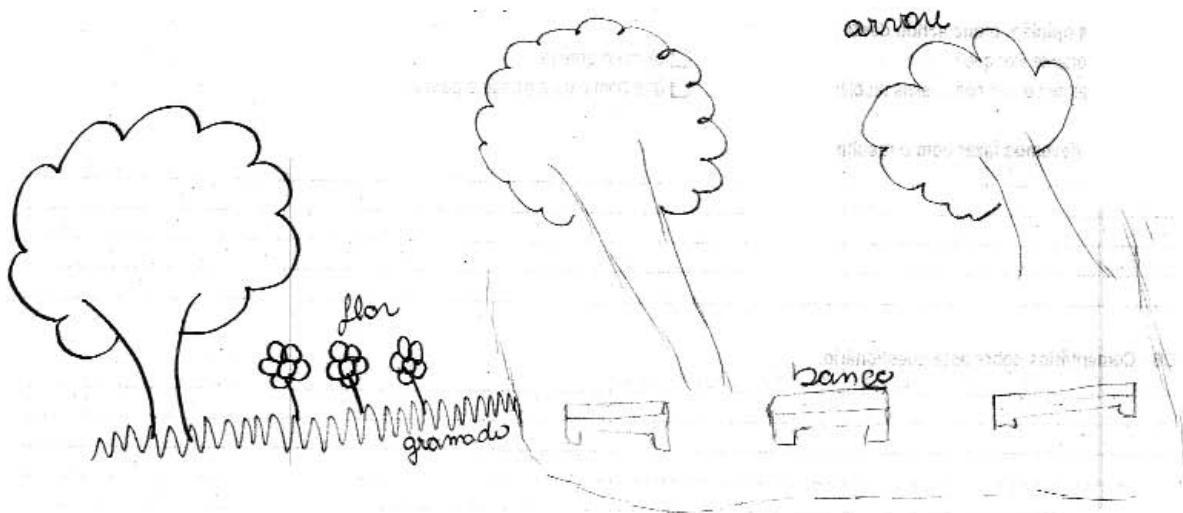


**Renata**

Na praça ela ergueu um edifício, não incluiu nenhuma árvore. Fez um desenho forte com grafite. Cria uma textura bastante escura, demonstrando firmeza em seus traços. Nada de vegetação, seres humanos ou bichos.

No parque, o edifício é o mesmo da praça, mas ela nomeia-o como uma quadra coberta, e do lado, mais ou menos em frente, ficou uma quadra, que ela identifica como de vôlei. Fez o piso novamente escuro, com grafite. Nenhuma vegetação ou seres humanos.

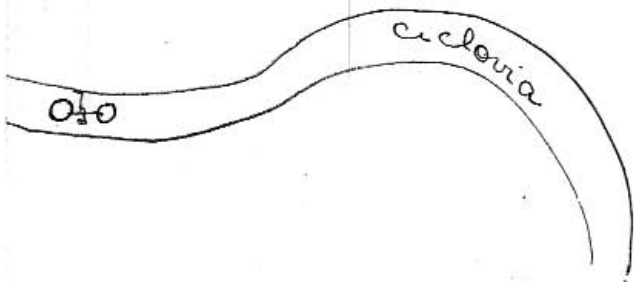


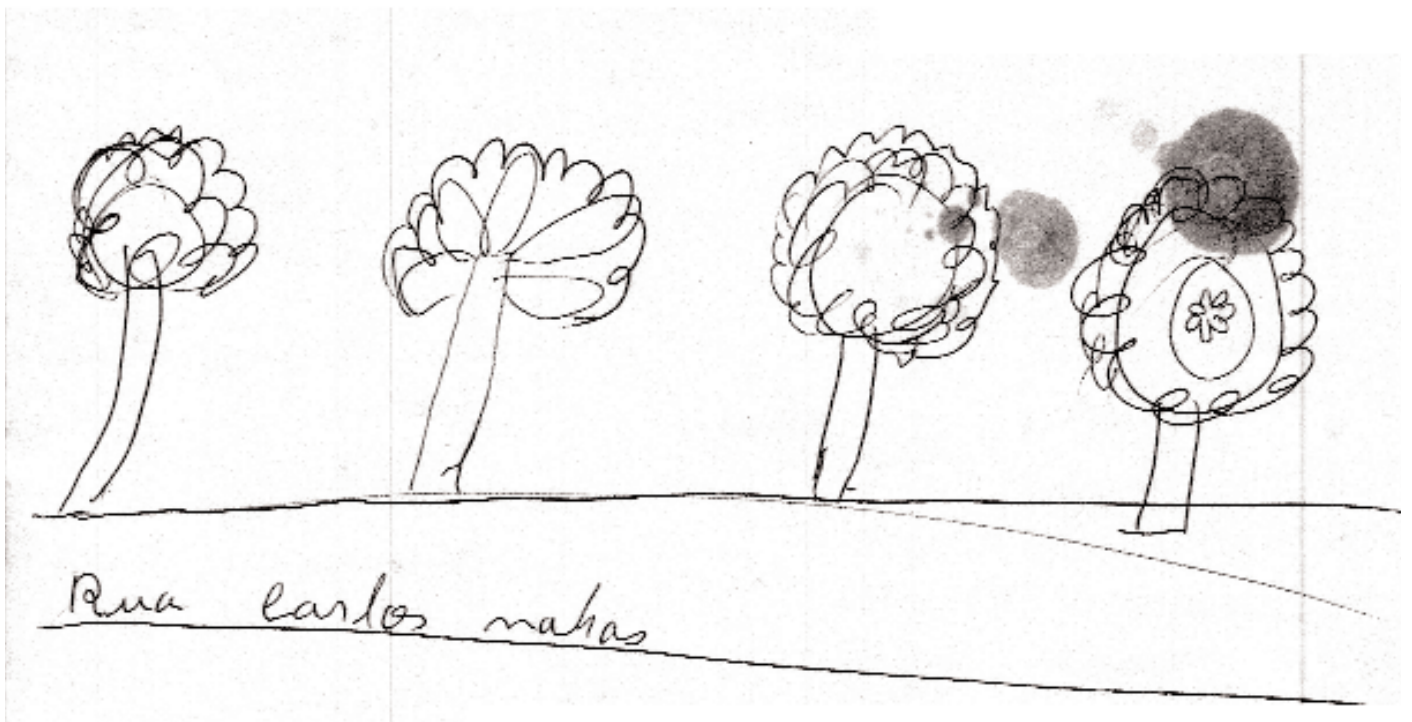


Cláudia, 17 anos, balconista, moradora da Zona Sul

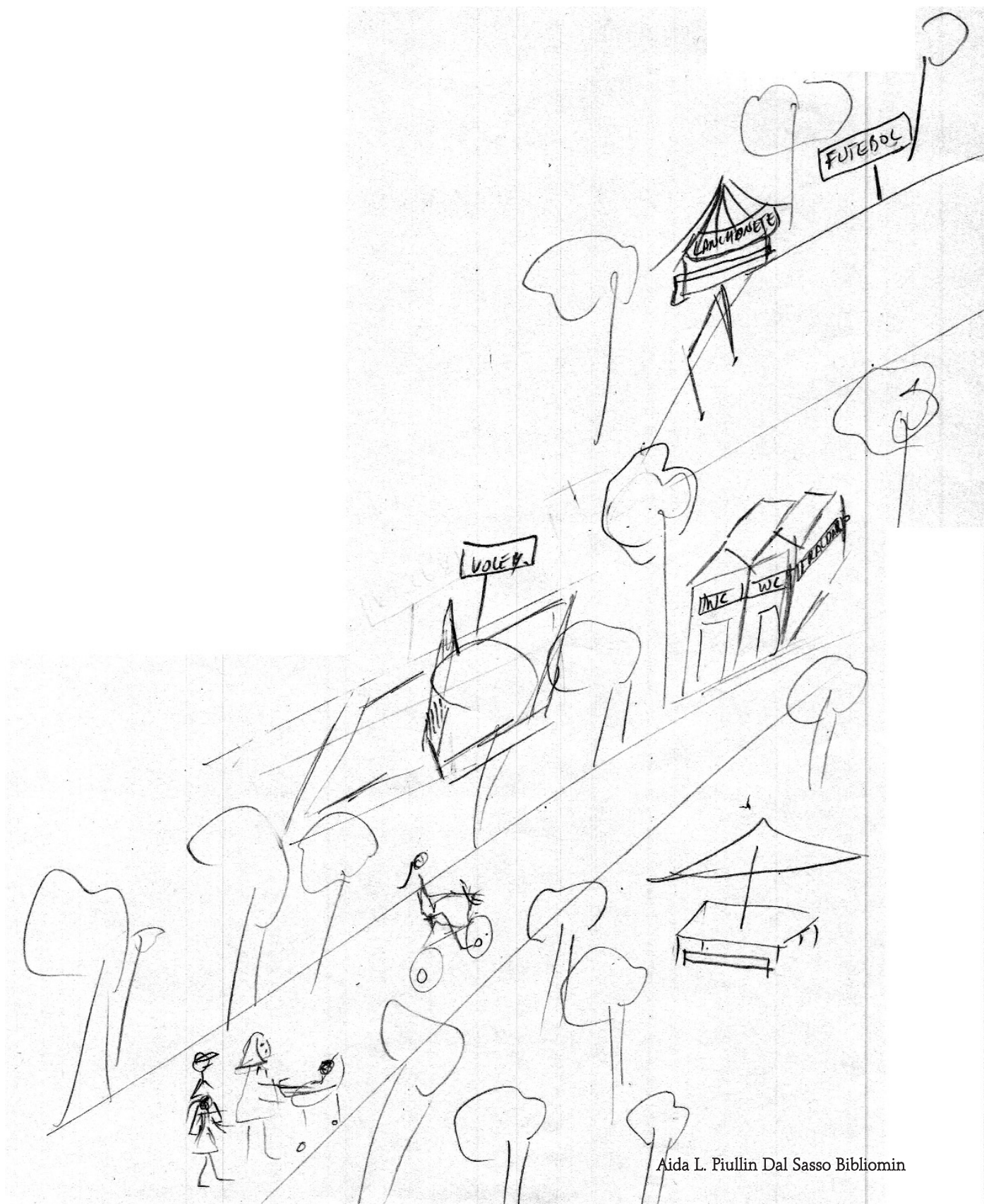
Sua praça contém um jardim com árvore, gramado, flores e, mais à frente, um caminho com bancos e árvores. Mas sem seres humanos ou bichos. É uma paisagem. Nomeia cada elemento que desenha.

No parque, organiza uma mistura de desenho em planta, todos os elementos nomeados, três balanços com crianças, quadra de futebol, quadra de vôlei, ciclovia com bicicleta, posto médico. Uma suposta cachoeira, penso eu, formando um lago.





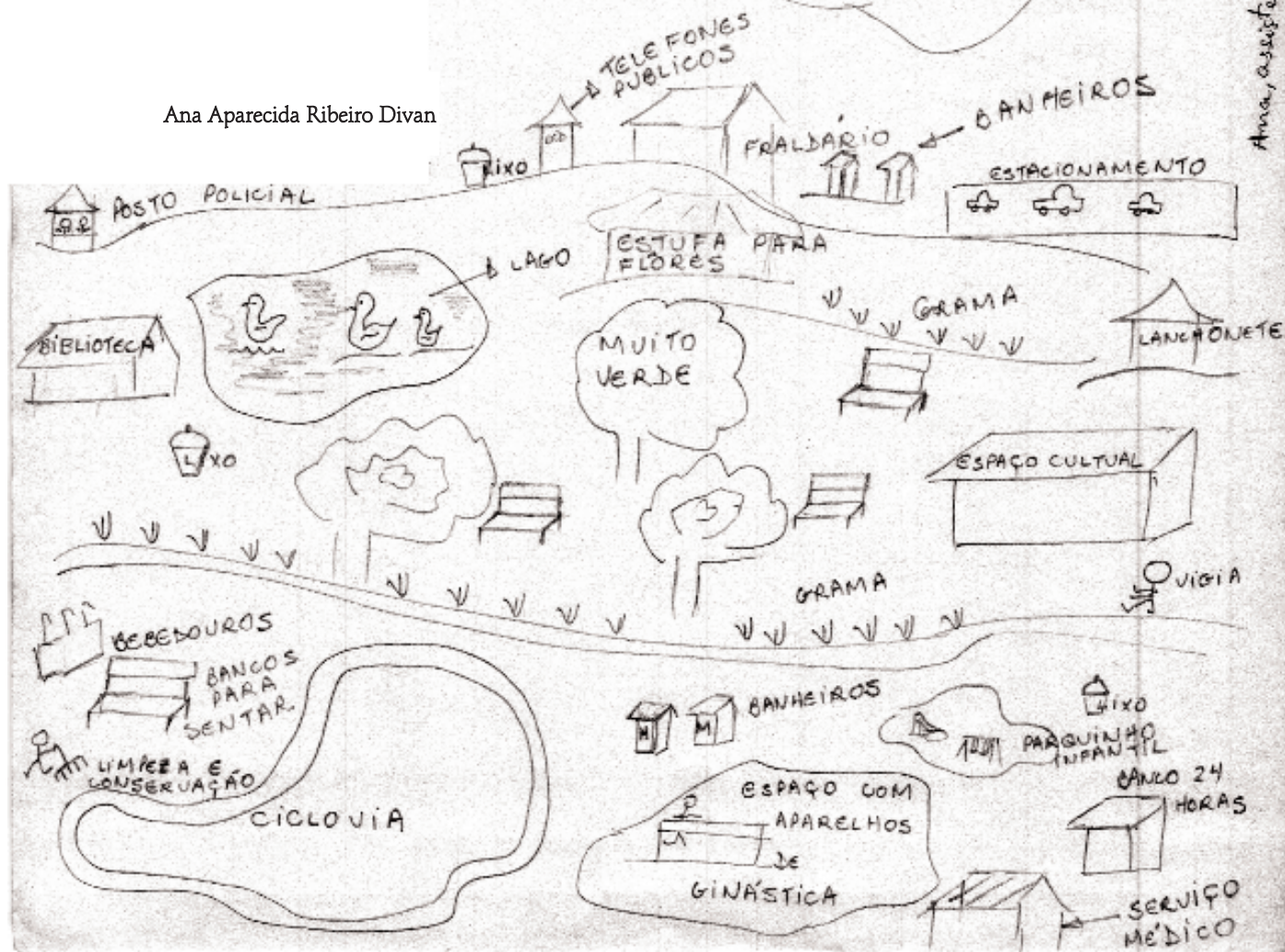
Ademilda R. de Oliveira



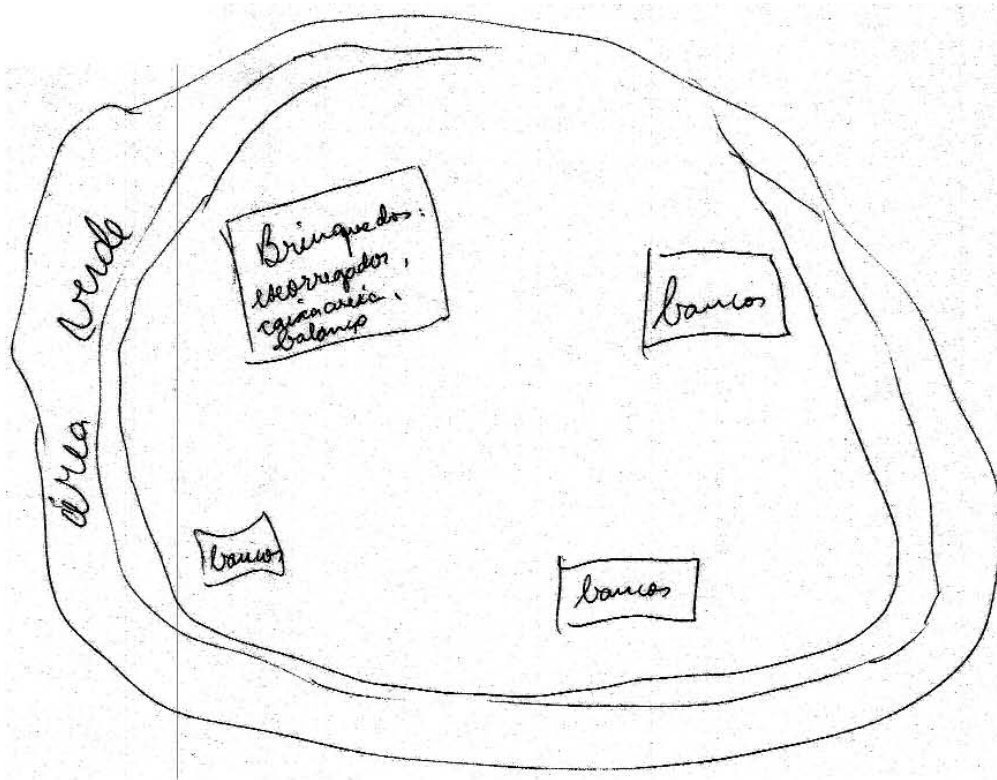
Aida L. Piullin Dal Sasso Bibliomin



Ana Aparecida Ribeiro Divan

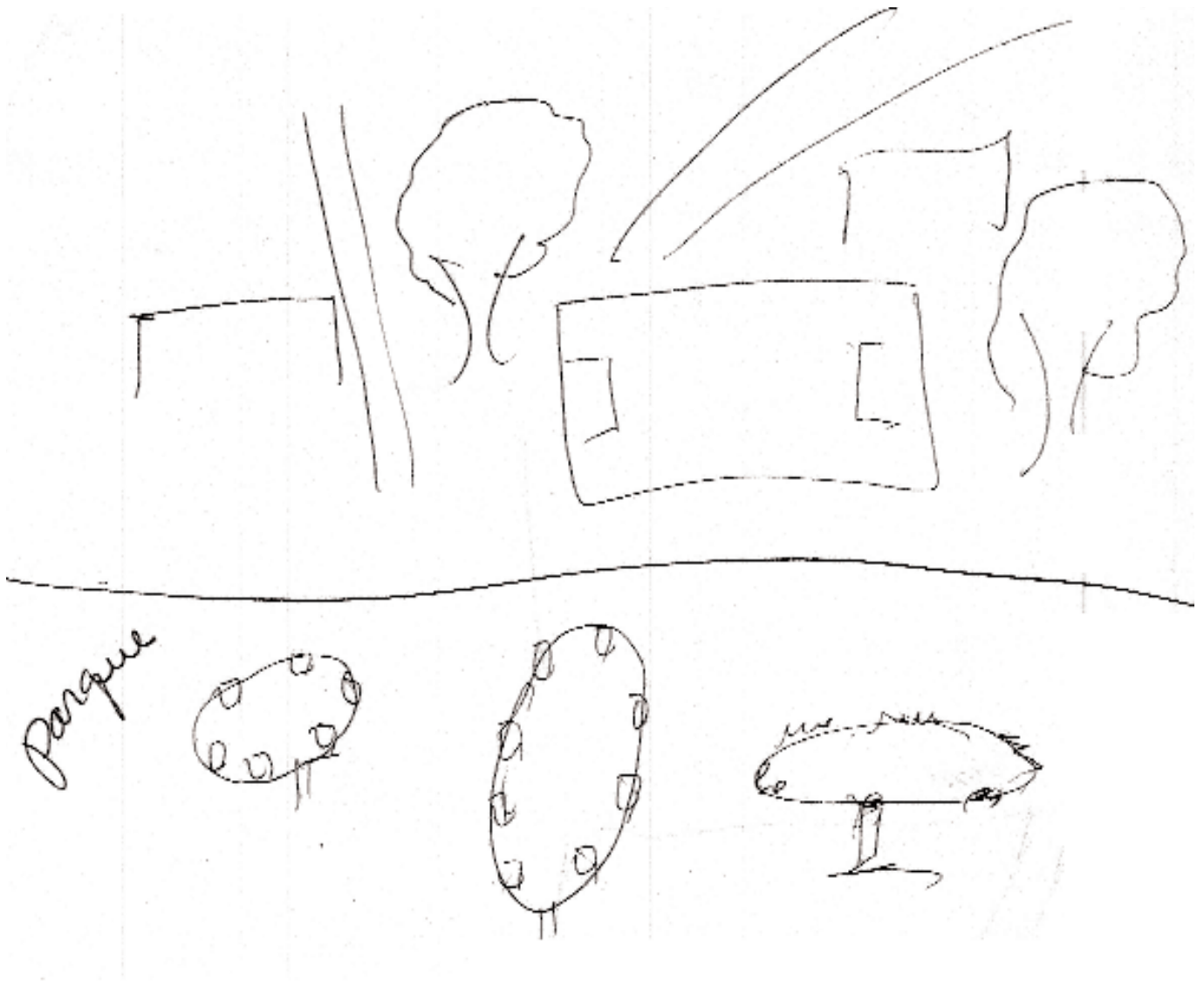


Ana, assistente social, 34, branca, UManiana



Parque deve ser cercado por uma área verde com espaço para as pessoas fazerem caminhadas, espaço para ciclismo, espaço para um campo de futebol.

Beatriz Helena



Cacilda Terezinha Fabrício Barreto